

CRIMES, ABUSOS ACONTECEM EM ESPAÇOS PÚBLICOS MAS CADA VEZ MENOS IMPRESSIONAM O COMUM DOS CIDADÃOS

“O bem-estar material tornou-se a prioridade da procura a qualquer custo”

A INDIFERENÇA É UMA DOENÇA SOCIAL E CADA VEZ MAIS AS PESSOAS IMPORTAM-SE MENOS COM OS OUTROS

Várias imagens vindas dos Estados Unidos têm chocado a opinião pública europeia. Trata-se de acidentes, crimes ou mesmo abusos a que muitos assistem, mas em casos que ninguém desenvolve esforços para ajudar ou remediar. Valores como o auxílio, a entressada, a solidariedade e até a compaixão são tendencialmente deixados de lado pelas diversas e diversificadas sociedades de um mundo cada vez mais global, mas também cada vez mais egocêntrico. O SEMANÁRIO falou com um sociólogo para tentar saber de que “doença” padece este mundo global e se há um tratamento que possa vir a reaver valores tão preciosos como a solidariedade e a entressada.

JOÃO LUÍS GASPÁR

UMA CÂMARA DE VIDEOVIGILÂNCIA do Kings County Hospital, em Brooklyn, Nova Iorque, mostrou ao mundo que a indiferença Americana não tem limites. Foi filmada a morte de uma mulher na sala de espera do referido hospital, onde funcionários, seguranças e restantes pacientes assistiram impávidos. E serenos continuaram durante cerca de uma hora, tempo que levou desde que a senhora caiu no chão até ao momento em que alguém se decidiu a socorrê-la. Chamava-se Esmil Green e tinha 49 anos.

Este é um de muitos exemplos que poder-se-ia dar para alertar sobre o problema que, trás implícito nas sociedades têm-se tornando com o decorrer dos anos cada vez mais egocêntricas. O SEMANÁRIO tentou encontrar algumas explicações para esta nova realidade egocêntrica na vida de todos nós e para tal contactou o historiador e sociólogo, Teotónio R. de Souza, docente na Universidade Lusófona.

Para o especialista encontramos-nos perante “uma indiferença crónica perante situações que exigem uma responsabilidade cívica dos cidadãos e que deve ser con-

siderada como uma doença social”, mas que no universo português estas questões não se deveriam verificar, devido “à tradição religiosa ainda bastante presente”. O professor que se considera um interessado em estudos culturais, acrescenta ainda que “a integração europeia e a globalização em geral estão a alterar os comportamentos. O bem-estar material tornou-se a prioridade da procura a qualquer custo! É o espírito de capitalismo selvagem que vai dominar cada vez mais”. Aparenta ainda o facto de as “práticas religiosas que suavizavam as diferenças no passado estão a ser substituídas pelos discursos de justiça e direitos humanos” o que nos leva a viver em “ironia”, pois “proclamam-se direitos para proteger o que se roubou. Não foi assim que a Europa instaurou o direito internacional depois de ter colonizado os territórios alheios?” retorquiu o especialista, para concluir que “estamos a sofrer as consequências dos seus comportamentos dos séculos de abusos de direitos. A Europa bem o merece”.

Teotónio R. de Souza aponta o racismo como um dos factores para que hoje em dia tenhamos uma sociedade tão egocêntrica,



porque “racismo fez parte da experiência colonial para os milhões das populações das antigas colónias. O Acto Colonial do Estado Novo é uma ilustração disto no Império Colonial português, que por razões diplomáticas designou-o Províncias Ultramarinas nos anos 50. Bem dizem os indianos: Justiça humana não existe”. Mas segundo o especialista “a justiça faz-se: é a doutrina de Karma. Todos os problemas ou as doenças sociais do Ocidente são consequências dos seus comportamentos passados. Ninguém escapa ao seu Karma. A União Europeia é uma construção de colonialismo dos brancos pelos brancos. Os ciganos fazem parte deste fenóme-

no, mas com tempo serão incluídos outros povos dos países do Leste. É o novo racismo de povos sem cor”

“A justiça faz-se: é a doutrina de Karma. Todos os problemas ou as doenças sociais do Ocidente são consequências dos seus comportamentos passados. Ninguém escapa ao seu Karma. A União Europeia é uma construção de colonialismo dos brancos pelos brancos.”

alertou o sociólogo.

Além do mais, quando questionado se seria mesmo necessário criminalizar a omissão de auxílio e se não deveriam ser as sociedades a ter de reprovar essa mentalidade com as suas próprias ordenações sociais, o professor disse ao SEMANÁRIO que não compreende que “se criminalize somente hoje o que devia ser criminalizado em todos os tempos! Não ser que os europeus, incluindo os portugueses, se considerem mais civilizados hoje! Duvido. Têm a mania de gabar de possuírem nível moral superior!”.

Teotónio R. de Souza concluiu ao SEMANÁRIO que nos dias de hoje seria muito útil “ouvir e praticar o que dizia o Padre António Vieira no século XVII sobre o Quinto Império, dado que descrevia da seguinte maneira o seu rei ressuscitado: soube ser humilde, que é a qualidade que Deus mais que todas, busca nos que quer fazer instrumentos de suas maravilhas, sem reparar em outras imperfeições e fraquezas humanas”, querendo com esta metáfora aforar a seguinte questão: “que podem fazer muito sentido os mitos e profecias acerca de um destino grandioso de Portugal e da comunidade lusófona, sintetizada no Quinto Império como metáfora da consciência e da fraternidade universal, que todavia só se realizará se depurados dos lusocentrismos do passado, em colaboração com o melhor de todos os povos e culturas e optando por nunca mais sermos orgulhosamente sós”. |

Casos chocantes entre Europa e Estados Unidos

A OPINIÃO pública italiana ficou em estado de choque este Verão, com a divulgação de uma história de contornos macabros. Numa praia, os corpos de duas crianças que se afogaram jazem na areia, perante a total indiferença dos banhistas, que continuam a gozar o Sol como se nada se passasse. Mas neste ano, um pormenor fez toda a diferença: as duas meninas de 11 e 12 anos eram de etnia cigana. Arrepiantes fotografias da praia de Torre-

gaveta, arredores de Nápoles, fizeram as capas de jornais e chocaram toda a opinião crítica daquele país. Um grupo de quatro meninas ciganas andava pela praia a mendigar e a vender bijuterias. A certa altura, decidiram refrescar-se com um mergulho. O mar estava agitado e a bandeira estava vermelha, mas ninguém tentou impedi-las de entrar na água. Pouco depois, foram arrastadas pelas ondas e começaram a pedir ajuda. Algumas pessoas

conseguiram salvar duas das meninas, mas as outras duas morreram por afogamento. Os corpos foram trazidos para terra e durante mais de uma hora ficaram no areal perante a chocante indiferença dos banhistas, que continuaram a saborear o Sol. Outro caso muito chocante deu-se nos Estados Unidos, na pacata localidade de Hartford, no Connecticut. Um homem que decidiu atravessar a rua fora de uma passadeira deparou-se

com dois carros que efectuavam uma manobra de ultrapassagem em alta velocidade. Conseguindo desviar-se do primeiro carro, é atropelado de forma violenta pelo segundo. De seguida, a carinhna que tinha sido ultrapassada ilegalmente encosta na barreira, passando três carros e nenhum pára, a carinhna segue a sua marcha. Do outro lado da rua três pessoas assistem ao acidente mas ninguém toma a mínima tentativa de ajuda. |